

Antropologia pragmática kantiana: um comentário

Kantian pragmatic anthropology: a comment

Elnora Gondim

Doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

elnoragondim@yahoo.com.br

<http://lattes.cnpq.br/1201890506125673>

Tiago Tendai Chingore

Doutor em Filosofia pela Universidade Pedagógica de Moçambique (UPM)

ttendaigamachingore@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/0255734111704714>

Resumo

Kant publicou *Antropologia de um ponto de vista pragmático* em 1798. O livro baseava-se em palestras que ele havia dado na universidade desde 1772. Kant divide a antropologia em fisiológica e pragmática. No entanto, ele tem a sua antropologia como pragmática levando em consideração o ser humano como alguém livre para saber um modo de engendrar algo que permita esclarecer como ele deve fazer de si mesmo. Nessa perspectiva, a *Antropologia de um ponto de vista pragmático* tem duas partes: 1) parte didática antropológica: a maneira de conhecer tanto o interior quanto o exterior do ser humano, subdividido em seções sobre cognição, estética e ética ; 2) a característica antropológica: a maneira de conhecer o interior do homem pelo exterior, divide-se em o caráter da pessoa, da fisionomia, o caráter do sexo, o caráter do povo, o caráter da raça, o caráter da espécie e linhas fundamentais da descrição do caráter da espécie humana. Sendo assim, a *Antropologia de um ponto de vista pragmático* tem um caráter global e busca conhecer a natureza humana como um todo por meio da concepção de cidadão do mundo. Com isso objetivamos mostrar que a investigação antropológica kantiana visa fornecer um novo conceito de natureza humana, onde os seres humanos não serão definidos por meio da usual ação causal que não tenha ligação com a liberdade. Nesse sentido, a causalidade como liberdade significa uma concepção diferente. Com Isso, procuramos saber se tal aspecto é visto dessa maneira em toda filosofia prática kantiana?

Palavras-chave: Kant. Antropologia. Pragmática. Natureza humana. Cidadão do mundo.



Abstract

Kant published Anthropology from a pragmatic point of view in 1798. The book was based on lectures he had given at the university since 1772. Kant divides anthropology into physiological and pragmatic. However, he has his anthropology as pragmatic taking into account the human being as someone free to know a way to generate something that allows to clarify how he should do himself. In this perspective, Anthropology from a pragmatic point of view has two parts: 1) anthropological didactic part: the way of knowing both the interior and exterior of the human being, subdivided into sections on cognition, aesthetics and ethics; 2) the anthropological characteristic: the way of knowing the interior of man from the outside, is divided into the character of the person, the physiognomy, the character of sex, the character of the people, the character of the race, the character of the species and lines fundamental aspects of the description of the character of the human species. Thus, Anthropology from a pragmatic point of view has a global character and seeks to know human nature as a whole through the concept of citizen of the world. With this we aim to show that the Kantian anthropological investigation aims to provide a new concept of human nature, where human beings will not be defined through the usual causal action that has no connection with freedom. In this sense, causality as freedom means a different conception. With That, we try to know if this aspect is seen in this way in all Kantian practical philosophy?


Keywords: : Kant. Anthropology. Pragmatics. Human nature. Citizen of the world.

Introdução

Kant publicou Antropologia de um ponto de vista pragmático em 1798. O livro baseava-se em palestras que ele havia dado na universidade desde 1772. Seu objetivo era atrair o público em geral. Para tanto, Kant concebeu a antropologia como um meio de melhoria moral e cultural. Nessa perspectiva, a antropologia é uma investigação sobre a natureza humana com o objetivo de saber como modificá-la, por meio de uma orientação prática em relação ao conhecimento do mundo. Com isso objetivamos mostrar que a investigação antropológica kantiana visa fornecer um novo conceito de natureza humana, onde os seres humanos não serão definidos por meio da usual ação causal que não tenha ligação com a liberdade. Nesse sentido, a causalidade como liberdade significa uma concepção diferente. Com Isso, procuramos saber se tal aspecto é visto dessa maneira em toda filosofia prática kantiana?

Para tanto, Kant divide a antropologia em fisiológica e pragmática. No entanto, ele tem a sua antropologia como pragmática levando em consideração o ser humano como alguém livre para saber um modo de engendrar algo que permita esclarecer como ele deve fazer de si mesmo.

Nessa perspectiva, a Antropologia de um ponto de vista pragmático tem duas partes: 1) parte didática antropológica: a maneira de conhecer tanto o interior quanto o exterior do ser humano, subdividido em seções sobre cognição, estética e ética; 2) a característica



antropológica: a maneira de conhecer o interior do homem pelo exterior, divide-se em o caráter da pessoa, da fisionomia, o caráter do sexo, o caráter do povo, o caráter da raça, o caráter da espécie e linhas fundamentais da descrição do caráter da espécie humana.

O livro tem como objetivo, segundo Kant explica em uma carta a Marcus Herz (1773), apontar um conteúdo que ensina os alunos a exercitarem suas habilidades com sabedoria e prudência, termo que significa que ser útil para o mundo é ser útil como cidadão do mundo. Em outras palavras:

A antropologia deveria ter uma orientação prudencial ou pragmática, de acordo com Kant, um pensamento enfatizado no título de seu livro de 1798, *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. De acordo com as notas de Parow (1772-3) de um antigo curso de palestra sobre antropologia, Kant descreveu a prudência como “a capacidade de escolher os melhores meios para nossa felicidade” (25: 413), uma descrição que se encaixa bem com sua sugestão na *Fundamentação* de que a prudência é “habilidade na escolha de meios para aumentar o bem-estar da pessoa” ou felicidade, ou “a visão serve para todos os propósitos [da pessoa] a sua própria vantagem duradoura (KANT, 2003).¹


Nessa perspectiva, Kant, na sua antropologia e na sua teoria da razão prática, desenvolveu a concepção da razão prudencial. Em outras palavras, a prudência pode ser vista como uma manifestação racional, envolvendo um tipo de autoridade normativa, distinta e conceitualmente anterior às normas morais.

Entretanto, existe dificuldade em conciliar a antropologia kantiana com outros aspectos do pensamento de Kant. No entanto, Loudon tenta fazer tal relação:

Proponho iniciar este trabalho necessário de esclarecimento e integração. Embora Kant em nenhum lugar (isto é, nem nas aulas de antropologia nem em qualquer outro lugar) entregue aos leitores um pacote único, completo e organizado de antropologia moral, pretendo mostrar que um pouco de cuidadoso trabalho de detetive pode nos levar a algumas esperanças de preenchê-la em relação à filosofia moral aplicada de Kant² (LOUDON, 2011).

¹ “Anthropology should have a prudential or pragmatic orientation, according to Kant, a thought emphasized in the title of his 1798 “textbook,” *Anthropology from a Pragmatic Point of View*. According to the Parow notes (1772–3) of an early lecture course on anthropology, Kant described prudence as “the capacity to choose the best means to our happiness” (25: 413), a description that fits well with his suggestion in the *Groundwork* that prudence is “skill in the choice of means to one’s own greater well-being” or happiness, or “the insight to unite all [one’s own] purposes to his own enduring advantage” (G 4: 416).”

² “I propose to begin this necessary work of clarification and integration. Although Kant nowhere (i.e., neither in the anthropology lectures nor anywhere else) hands over to readers a single, complete, tidy package of moral anthropology, I aim to show that a bit of careful detective work nevertheless can lead us to some fulfilled hopes regarding Kant’s *philosophia moralis applicata* (LOUDON, 2011).



Sendo assim, plausivelmente, pode-se afirmar que há evidências para se fazer a relação entre a filosofia prática kantiana e a sua antropologia. Isso é constatado, na antropologia de Kant, se levarmos em consideração o tratamento quanto à concepção de prudência, porquanto:

- 1- a teoria racional está inserida nas palestras de antropologia e esboçada na filosofia moral;
- 2- as palestras sobre antropologia apontam que a reflexão prudencial pode gerar orientação prática;
- 3- Kant diz que a prudência, ocorrendo antes e independentemente de capacidades e normas morais, pode significar que as normas prudenciais devem ser consideradas distintas e conceitualmente independentes da moralidade;
- 4- a fundamentação normativa dos imperativos prudenciais parece ter uma relação entre prudência e moralidade.


No entanto, embora o acima elencado, sendo a prudência a capacidade de escolher os melhores meios para a felicidade ou bem-estar, há controvérsias se isso pode neutralizar a relação entre prudência e moralidade kantiana.

Nesse sentido, Kain reconhece que toda essa linha de argumentação depende do estabelecimento de que a felicidade é, de fato, um fim necessário. E esta é uma noção, como vários comentadores reconheceram, que é muito difícil de conciliar com as doutrinas centrais da teoria moral de Kant, porquanto, na teoria prática kantiana, a obrigação moral é baseada na autonomia, capacidade de motivar-se por razão pura prática, isto é, agir conforme o respeito pela lei moral. Logo, a questão da felicidade não pode intervir em aspectos centrais da teoria prática kantiana.

Em contrapartida, Loudon, por sua vez, afirma que:

Embora ele afirme repetidamente que tal antropologia moral é necessária para a aplicação adequada da teoria ética à situação humana, e embora ele dê numerosas dicas nas aulas de antropologia e em outros lugares sobre como deve ser essa antropologia moral e quais devem ser seus objetivos, ele próprio não produz uma versão completa. Continua a ser uma tarefa incompleta para os outros tomarem “este ponto de vista único e correto” e produzir uma antropologia moral viável a partir do começo exploratório que ele nos deixou³ (LOUDON, 2011).

³ “Though he states repeatedly that such a moral anthropology is necessary for the proper application of ethical theory to the human situation, and while he gives numerous hints in the anthropology lectures and elsewhere



Ele tenta mostrar que a antropologia pragmática de Kant tem tanto uma característica moral quanto uma dimensão *a priori*. De acordo com Louden, o objetivo dos escritos de antropologia é descobrir como é que a natureza humana pode alcançar fins morais. Para fazer isso, a antropologia deve fornecer conhecimento empírico, isto é, um modo de investigação empírica com uma pressuposição *a priori* de que os seres humanos são moralmente livres e estão destinados a realizar a sua liberdade através do surgimento de uma sociedade cosmopolita. Assim, as descrições de seres humanos que a antropologia fornece destinam-se a ajudar a realizar esse objetivo.

Para tanto, Louden pergunta se a antropologia kantiana pode constitui uma parte racional da filosofia moral:

Kant não via como sua tarefa desenvolver uma antropologia moral detalhada. Embora ele declare repetidamente que tal antropologia moral é necessária para a aplicação adequada da teoria ética à situação humana, e embora ele dê inúmeras dicas nas palestras de antropologia, bem como em outros lugares, sobre como essa antropologia moral deve ser e quais devem ser seus objetivos ou seja, ele próprio não produz uma versão final dela (LOUDEN, 2003).⁴

Louden argumenta que a filosofia moral precisa da antropologia para sua *aplicação* aos seres humanos. No entanto, na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e na *Crítica da Razão Prática*, o imperativo categórico, por si só, parece fornecer respostas às questões morais. Sendo esse, imediatamente, aplicável.

Nessa perspectiva, há o questionamento se a antropologia é ou *não* é necessária para a aplicação da filosofia moral aos seres humanos. Se a resposta não for negativa, plausivelmente, pode-se imaginar uma antropologia para a educação moral tendo como função o despertar para a lei moral.

I. Antropologia pragmática kantiana

1- Visão Geral

concerning what this moral anthropology should look like and what its aims should be, he does not himself produce a finished version of it. It remains an uncompleted task for others to take “this single, correct point of view” and produce a viable moral anthropology from the exploratory beginnings that he has left us.”

⁴ “Kant did not see it as his task to develop a detailed moral anthropology. Though he states repeatedly that such a moral anthropology is necessary for the proper application of ethical theory to the human situation, and while he gives numerous hints in the anthropology lectures as well as elsewhere concerning what this moral anthropology should look like and what its aims should be, he does not himself produce a finished version of it” (LOUDEN, 2003).



Segundo Kant, o termo antropologia tem dois significados diferentes:

Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista fisiológico ou pragmático. - O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a natureza faz do homem; o pragmático, o que ele faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente. (...) Mas se para ampliar a memória ou torná-la ágil, ele utiliza as percepções sobre o que considerou prejudicial ou favorável a ela, e para tanto precisa do conhecimento do ser humano, isso constitui uma parte da antropologia de um ponto de vista pragmático, e precisamente desta nos ocupamos aqui (KANT, 2006).

Para tanto, Kant foi o primeiro a diferenciar entre a antropologia pragmática e outros tipos de antropologias, definindo-a como a investigação referente ao ser humano como cidadão do mundo: 1) como ele sendo um ser de ação livre; 2) o que faz de si mesmo; 3) ou pode e deve fazer de si mesmo.

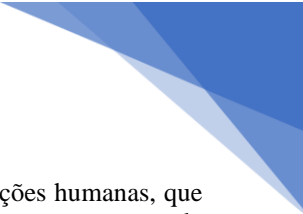
Allen Wood, por sua vez, afirma que a investigação antropológica kantiana tem como objetivo reconceitualizar a natureza humana, onde os seres humanos não podem ser concebidos por meio da mera ação causal:

O desejo de Kant de dar uma palestra sobre antropologia, e até mesmo de reconceitualizar o estudo da natureza humana, foi aparentemente estimulado em 1772 por sua insatisfação com a abordagem "fisiológica" do assunto, tomada por Ernst Platner. De acordo com uma carta de 1773 a Marcus Herz, o popular tratado sobre antropologia de Platner levou Kant a instituir um estudo empírico da natureza humana destinado a evitar as "investigações fúteis de Platner sobre a maneira como os órgãos corporais estão conectados com o pensamento" (Ak 10: 146). A abordagem "pragmática" de Kant baseia-se no repúdio da ideia de que os seres humanos podem ser frutiferamente compreendidos em termos meramente fisiológicos. Os seres humanos devem ser vistos como agentes livres, não como meros elos de um mecanismo causal; A investigação antropológica deve ser a atividade de um agente livre envolvendo outros agentes livres⁵ (WOOD, 2003).

Mais ainda, segundo Loudon, a antropologia de Kant é ciência empírica que tem como decorrência a visão de uma comunidade moral, onde os cidadãos a organizam-se cosmopoliticamente:

A antropologia moral fornece Weltkenntnis, ou seja, o conhecimento do mundo que é útil para a vida. Este não é apenas um conhecimento local do comportamento humano, vinculado ao lugar e ao tempo e não fornece regras para uma interação social

⁵ "Kant's desire to lecture on anthropology, and even to reconceptualize the study of human nature, was apparently stimulated in 1772 by his dissatisfaction with the 'physiological' approach to the subject taken by Ernst Platner. According to a 1773 letter to Marcus Herz, Platner's popular treatise on anthropology provoked Kant to institute an empirical study of human nature aimed at avoiding Platner's "futile inquiries as to the manner in which bodily organs are connected with thought" (Ak 10:146).⁵ Kant's "pragmatic" approach is grounded on a repudiation of the idea that human beings can be fruitfully understood in merely physiological terms. Human beings must be viewed as free agents, not as mere links in a causal mechanism; anthropological inquiry must be the activity of a free agent engaging other free agents." (WOOD, 2003).



bem-sucedida. Em vez disso, o que se pede é "atenção às disposições humanas, que muitas vezes se mostram sob muitas formas". O objetivo é "conhecer a natureza da humanidade, não a condição dos seres humanos". Em última análise, isso significa "conhecimento do ser humano como cidadão do mundo (LOUDEN, 2011).⁶

De outra forma, mais além, Perez afirma: “Assim sendo, em 1798 podemos ver que a distribuição dos temas responde claramente ao plano das três críticas e não ao desenvolvimento de uma ciência empírica”. (PEREZ, 2009). Portanto, ampliando tal visão, Wood afirma: “A finalidade da antropologia pragmática é busca sobre o conhecimento da natureza humana à luz de todos os usos que podemos escolher fazer desse conhecimento, e não apenas para seu uso moral *The scope of*”. (WOOD, 2003)⁷

Sendo assim, a antropologia de um ponto de vista pragmático tem um caráter global e busca conhecer a natureza humana como um todo. Portanto, ela pode, plausivelmente, ser fundamentada na concepção normativa da pessoa, com suas ações no mundo e com um aspecto teleológico:


A antropologia de Kant é pragmática, porque enfatiza a prática contra o especulativo e teórico. É uma antropologia que é orientada para a utilidade. Em seu objeto, método e objetivo, a antropologia, de Kant, é evidentemente pragmática, como Cohen corretamente observa: [...] seu objeto é pragmático na medida em que estuda o homem em termos de observação; e terceiro, seu objetivo é pragmático, na medida em que não é apenas descritivo, mas prescritivo. A natureza pragmática da antropologia de Kant tem uma dimensão teleológica muito profunda. Apresenta o homem como um ser cujas capacidades são todas orientadas para impulsioná-lo para algumas finalidades definitivas. Tal é o "direcionamento teleológico em direção ao objetivo da perfeição" aquele que se encontra em Antropologia de Kant (OFODILE, 2013).⁸

No entanto, no aspecto teleológico, na antropologia kantiana, o homem encontra-se em direção ao objetivo da perfeição. Porém, convém observar que Kant considera a predisposição

⁶ Moral anthropology provides Weltkenntnis, i.e., knowledge of the world that is useful for life. This is not just a local knowledge of human behaviour, bound to place and time and providing no rules for successful social interaction. Rather, what is called for is ‘attentiveness to human dispositions, which often show themselves under many shapes’. The purpose is ‘to know the nature of humanity, not the condition of human beings’. Ultimately, this means ‘knowledge of the human being as a citizen of the world’ (LOUDEN, 2011).

⁷ “A finalidade da antropologia pragmática é busca sobre o conhecimento da natureza humana à luz de todos os usos que podemos escolher fazer desse conhecimento, e não apenas para seu uso moral.”

⁸ Kant’s anthropology is pragmatic because it emphasizes the practical against the speculative and theoretical. It is an anthropology that is oriented towards utility. In its object, method and aim, Kant’s anthropology is evidently pragmatic as Cohen rightly observes: [...] its object is pragmatic insofar as it studies man in terms of his actions in the world, and thus as a freely acting being; second, its method is pragmatic in that it involves interaction rather than observation; and third, its aim is pragmatic inasmuch as it is not only descriptive but prescriptive. The pragmatic nature of Kant’s anthropology has a very deep teleological dimension. It presents man as a being whose capabilities are all geared towards propelling him to some definite ends. Such is the ‘teleological directedness toward the goal of perfection’ that one finds in Kant’s anthropology (OFODILE, 2013).



para a moralidade como prioritária, onde o desenvolvimento de um bom caráter deve ser adquirido por meio da educação e, com isso, ocorrerá o progresso do homem.

Nesse sentido, a diferença entre tendência e predisposição significa que os seres humanos têm uma tendência para o mal em seu caráter sensível, enquanto as predisposições são para o bem. Contudo, as predisposições são relacionadas à existência dos seres humanos, onde o mal, por sua vez, é uma tendência contingente significando que pode ser eliminado. Para Kant, a predisposição do ser humano é para a moralidade, para isso ele tem que desenvolver um bom caráter, que deve ser realizado por meio da educação. No entanto:

Na antropologia de Kant, a perfeição do indivíduo só é realizada na perfeição da espécie humana como um todo. De fato para Kant, a perfeição do indivíduo isoladamente não é sequer realizável como o indivíduo não pode alcançar seus objetivos fora da espécie da humanidade. Kant afirma este fato claramente quando ele resume sua discussão sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade humana em geral. Ele referiu a sociedade humana como: [...] uma espécie de seres racionais que luta entre os obstáculos para subir do mal em constante progresso em direção ao bem [...] não pode esperar alcançar o objetivo pelo livre acordo dos indivíduos, mas apenas por uma organização progressiva dos cidadãos da terra em direção à espécie como um sistema cosmopoliticamente unido⁹ (OFODILE, 2013).

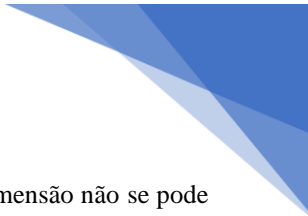
Nessa perspectiva, como a perfeição do indivíduo só é realizada na perfeição da humanidade, há, então, uma tensão entre as pretensões universais da antropologia de Kant e seu caráter empírico.

De acordo com Loudon, a tensão diminui uma vez que entendemos que o tipo de conhecimento empírico que Kant refere-se em sua antropologia é aquele que, embora baseado na experiência empírica, enfatiza a reflexão sobre tendências da humanidade. Isso, afirma Loudon, produz um mapa moral teleológico.

No entanto, segundo Muchnik:

A tarefa requer um novo método híbrido, nem completamente empírico nem completamente a priori, que chamei em outros lugares de "quase transcendental" (Muchnik 2009: cap. 4). Na minha opinião, o apelo de Loudon à reflexão baseada na experiência reduz o aspecto noumenal do pensamento de Kant, pois não consegue

⁹“In Kant’s anthropology, the perfection of the individual is only realized in the perfection of the human species as a whole. Indeed, for Kant, perfection of the individual in isolation is not even realizable as the individual cannot attain his ends outside of the specie of humanity. Kant states this fact clearly when he summarizes his discussion of the relation between the individual and the human society at large. He referred the human society as: [...] a specie of rational beings that strives among obstacles to rise out of evil in constant progress toward the good [...] one cannot expect to reach the goal by the free agreement of individuals, but only by a progressive organization of citizens of the earth into and toward the species as a system that is cosmopolitically united” (OFODILE, 2013).



captar seu componente moral a priori. Para fazer justiça a esta dimensão não se pode adotar uma abordagem exclusivamente empírica (MUCHNIK, 2013).¹⁰

Daí, Muchnik, contrário a Louden, propõe um método que compatibiliza tanto os aspectos empíricos como, também, o a priori. Por essa razão, aponta para a existência de um novo método, na Antropologia kantiana, que é denominado de quase-transcendental.

2- Kant e o egoísmo

No sentido do método quase transcendental, citado por Muchnik, podemos ter como referência a definição de cidadão do mundo e seu aspecto moral a priori como condição de possibilidades, como formas. Essas possuem determinadas características que podem, plausivelmente, enquadrar-se em qualquer um cidadão, portanto, sem ter uma individualidade peculiar. Mais especificamente, o transcendental, aqui tratado, refere-se à forma de definição de cidadão do mundo e do seu aprimoramento moral. Para tanto, será considerado uma aversão ao egoísmo referente ao entendimento, ao gosto e ao interesse prático, isto é, aos aspectos lógico, estético ou prático.

Quanto ao egoísmo lógico:

O egoísta lógico tem por desnecessário examinar seu juízo também pelo entendimento de outros, como se não necessitasse de forma alguma dessa pedra de toque (*criterium veritatis externum*). É porém, é tão seguro que não podemos prescindir desse meio de nos assegurar da verdade de nosso juízo, que talvez seja esta a razão mais importante por que a classe erudita clame com tanta insistência pela liberdade de expressão (KANT, 2006).

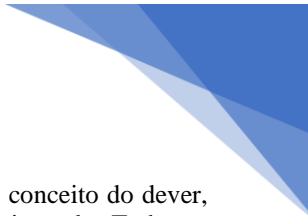
Quanto ao egoísmo estético:

O egoísta estético é aquele ao qual o próprio gosto basta, ainda que outros possam achar ruins, censurar ou até ridicularizar seus versos, quadros, música etc. Ele priva a si mesmo do progresso para o melhor, se se isola com seu juízo, aplaude a si mesmo e só em si mesmo busca a pedra de toque do belo da arte (KANT, 2006).

Quanto ao egoísmo moral:

O egoísta moral é aquele que reduz todos os fins a si mesmo, que não vê utilidade senão naquilo que lhe serve, e também como eudemonista coloca simplesmente na utilidade e na própria felicidade, e não na representação do dever, o fundamento-de-determinação supremo de sua vontade. Pois como cada ser humano forma conceitos diferentes sobre aquilo que considera fazer parte da felicidade, é precisamente

¹⁰ “The task requires a new, hybrid method, neither completely empirical nor completely a priori, which I elsewhere called ‘quasi-transcendental’ (Muchnik 2009: ch. 4). To my mind, Louden’s appeal to experience-based reflection shortchanges the noumenal aspect of Kant’s thought, for it fails to capture its a priori, moral component. To do justice to this dimension one cannot adopt an exclusively empirically” (MUCHNIK, 2013).



o egoísmo que leva a não ter pedra de toque alguma do genuíno conceito do dever, que, como tal, tem de ser inteiramente um princípio de validade universal. - Todos os eudemonistas são, por isso, egoístas práticos (KANT, 2006).

Para o filósofo de Königsberg, o egoísmo moral é o oposto do pluralismo:

O modo de pensar que consiste em não se considerar nem em proceder como se o mundo inteiro estivesse encerrado no próprio eu, mas como um simples cidadão do mundo. - É o que cabe à antropologia. Pois, no que se refere a essa diferença segundo conceitos metafísicos, ela fica totalmente fora do campo da ciência a ser tratada aqui. É que se a questão fosse meramente saber se eu, como ser pensante, tenho razão para admitir, fora da minha existência, a existência de um conjunto de outros seres estando em comunidade comigo (conjunto denominado mundo), esta não seria uma questão antropológica, mas simplesmente metafísica (KANT, 2006).


Nessa perspectiva, o cidadão do mundo pode se posicionar contra o egoísmo como aponta os seguintes exemplos: 1) ele deve ter respeito em relação ao juízo, quanto ao uso lógico do outro, mesmo sem compreendê-los; 2) ele deve se abster de considerar que, só em si mesmo, busca a referência para o belo na arte; 3) ele tem que ter uma postura contrária ao egoísmo moral sendo altruísta frente aos julgamentos sobre as ações de outras pessoas com o objetivo de desenvolver um aprimoramento moral:

Entre os seres racionais terráqueos, para Kant única e exclusivamente a espécie humana, o fim colocado pela própria natureza é atingir o bem e propagar o bem. Um dos aspectos do aprimoramento moral, no desenvolvimento do bem através dos tempos, é justamente o aprendizado do rechaço do egoísmo (NAHRA, 2018).

Conforme a citação acima, observamos que para o ser humano aprimorar-se, ele tem que abominar qualquer forma de egoísmo sendo que “É o egoísmo prático, ou moral, aquele que Kant parece estar se insurgindo aqui” (NAHRA, 2018, p. 16).

Enfim, o motivo de Kant estudar o egoísmo é relacionado com tal tendência que os seres humanos têm. Em decorrência, isso pode atrapalhar à realização da leis em se tratando de uma razão prática:

O objetivo primordial é descobrir como é a natureza humana para atingir objetivos morais mais efetivos. Como, dado o que sabemos empiricamente sobre a natureza humana, podemos tornar a moralidade mais eficaz na vida humana? Pois o objetivo é primeiro aprender mais sobre os seres humanos e o mundo em que vivemos, a fim de determinar quais obstáculos específicos para a realização de princípios morais a priori e quais confrontam essa espécie particular de ser racional e, então, formular para as espécies específicas estratégias para lidar com esses obstáculos. O conhecimento antropológico kantiano deve ser conhecimento objetivo, empiricamente exato, para servir com sucesso o objetivo para o qual se destina. Mas a motivação por trás do desejo de adquirir tal conhecimento é claramente moral: procuramos compreender a nós mesmos e ao mundo em que vivemos para tornar a moralidade mais eficaz. Nesse aspecto básico, a ciência social kantiana não é de modo algum isenta de valor, mas



profundamente embebida em valores, isto é, orientada moralmente (LOUDEN, 2011).¹¹

Portanto, segundo Louden, Kant tem, em sua antropologia, como finalidade principal saber como natureza humana é e, posteriormente, de que forma ela pode atingir objetivos morais mais efetivos.

3- Kant e o cidadão do mundo

O cidadão do mundo, de acordo com Kant, tem que ser livre. Isso significa que o mesmo tem que ser altruísta e sem vestígios de egoísmo. Assim:


O cidadão do mundo, de acordo com Kant, é aquele que respeita a perspectiva do outro em sua alteridade absoluta, em um nível teórico (no conhecimento / definição e interpretação de conceitos), em um nível ético (Kant fala sobre a estranheza / alienabilidade da felicidade) e ao nível do gosto. Em *Crítica ao Juízo*, Kant chamou essa maneira de aceitar interpretações (...) do mundo um "modo estendido de pensamento" (*erweiterte Denkungsart*) ou a capacidade de incluir a posição do outro (pelo menos tentar) a fim de alcançar um comum' ponto de vista (HÄNTSCH, 2008).¹²

Nessa perspectiva, a citação acima refere-se à questão da liberdade no sentido de que a responsabilidade do ser humano é em relação a si mesmo e em relação às outras pessoas. O ser humano deve levar em consideração a questão da alteridade, onde ninguém tem um ponto de vista mais prioritário do que o outro:

O cidadão do mundo, de acordo com Kant, é aquele que respeita a perspectiva do outro em sua alteridade absoluta, em um nível teórico (no conhecimento / definição e

¹¹ "The overarching goal is to figure out what human nature is like in order more effectively to further moral ends. How, given what we know empirically about human nature, can we make morality more efficacious in human life? For the aim is first to learn more about human beings and the world they live in, in order to determine what particular obstacles to the realization of a priori moral principles confront this particular species of rational being, and then to formulate species-specific strategies for dealing with these obstacles. Kantian anthropological knowledge must be objective, empirically accurate knowledge if it is to successfully serve the purpose for which it is intended. But the motivation behind the desire to acquire such knowledge is clearly a moral one: we seek to understand ourselves and the world we live in in order to make morality more efficacious. In this basic respect, Kantian social science is not at all value-free but deeply value-embedded, that is, morally guided" (LOUDEN, 2011).

¹² "The world citizen, according to Kant, is he or she who respects the perspective of the other in their absolute otherness, at a theoretical level (in knowledge/defining and interpretation of concepts), at an ethical level (Kant speaks about the strangeness/alienness of happiness) and at the level of taste. In *Critique of Judgement* Kant called this way of accepting (...) interpretations of the world an 'extended way of thinking' (*erweiterte Denkungsart*) or the capability of including the position of the other (at least to try) in order to reach an 'own common' point of view." (HÄNTSCH, 2008).



interpretação de conceitos), em um nível ético (Kant fala sobre a estranheza / alienabilidade da felicidade (HÄNTSCH, 2008).¹³

Assim sendo, deve-se respeitar a perspectiva do outro para que se alcance um consenso. Como decorrência, observa-se que o caráter universal da ética kantiana reside no reconhecimento da liberdade do indivíduo, onde isso significa a responsabilidade individual pelas próprias máximas de julgar e agir. Dessa forma:

Para Kant, é uma exigência de ação livre que sua gênese causal não seja exaurida por condições naturais precedentes que causalmente determinam sua ocorrência, pois somente assim poderia ser que a ação esteja no poder do sujeito e que seja suficiente para a liberdade prática (PEREBOOM, 2006).¹⁴

Nessa perspectiva, pode-se inferir que é com o ser humano, em direção da humanidade, em relação a si mesmo e com outras pessoas, que Kant se propõe. O ser humano deve levar em consideração que ninguém tem um ponto de vista prioritário em relação aos outros:


Em MS Kant afirma que a metafísica da moral tem uma “contraparte, ... a antropologia moral, a qual ... trataria apenas com as condições subjetivas na natureza humana que o dificultam ou ajudam para a realização das leis da metafísica dos costumes. Isto trataria com o desenvolvimento, ampliação e força dos princípios morais” (MS, AA 06, 217). É exatamente esse último ponto que se desenvolve na Anth. (PEREZ, 2009).

Assim sendo, a antropologia pragmática pode ser, plausivelmente, considerada como decorrência da teoria prática kantiana e, nesse sentido, ela enfatiza e é relacionada ao cidadão do mundo. Portanto, quando se trata de cidadão do mundo, isso significa o desenvolvimento, a ampliação e a força dos princípios morais. Em outras palavras, falar disso é, concomitantemente, expor a antropologia pragmática. Assim, “O cultivo de si mesmo para a civilização e a moralidade é o destino daquele homem como cidadão do mundo que Kant estabelece como ponto de partida do estudo da antropologia em sentido pragmático”. (PEREZ, 2009).

Destarte, de acordo com Kant, todos os seres racionais, sem exceção, estão designados a viver em sociedade, isso significa conviver com outros homens em um processo de civilidade

¹³ “The world citizen, according to Kant, is he or she who respects the perspective of the other in their absolute otherness, at a theoretical level (in knowledge/defining and interpretation of concepts), at an ethical level (Kant speaks about the strangeness/alienness of happiness)” (HÄNTSCH, 2008).

¹⁴ “For Kant, it is a requirement of free action that its causal genesis not be exhausted by preceding natural conditions that causally determine its occurrence, for only then could it be that the action is in the subject's power in a sense sufficient for practical freedom” (PEREBOOM, 2006).



e, conseqüentemente, de moralidade. Dessa forma, os seres humanos convivem em uma mesma comunidade ética, prática e estética. Sendo assim, eles próprios se dão as suas próprias leis. Tais leis são éticas e comuns a todos comuns. Elas são fundamentadas na razão. Então:

O que podemos aprender hoje com Kant sobre o conceito de cidadão do mundo? (...) argumentou que - se Kant fala sobre o cidadão do mundo - ele usa esse conceito, por um lado, mais no sentido de uma idéia reguladora do que no sentido de uma utopia concreta, mas, por outro lado, ele a usa simplesmente de uma maneira muito pragmática. Dois aspectos do termo kantiano de cidadão do mundo devem ser enfatizados: Primeiro, para Kant, o cidadão do mundo é, antes de tudo, o concidadão, que tem seu ponto de vista no mundo e não tem uma posição arquimediana acima de outros pontos de vista. Nesta compreensão do cidadão do mundo, uma dimensão teórica (e ao mesmo tempo) ético-prática e estética está incluída. Em segundo lugar, quando Kant fala sobre o cidadão do mundo no sentido político de um membro de uma república mundial, ele se interessa principalmente pela dimensão jurídica de uma constituição civil, que difere amplamente da lei natural. Nesse contexto, não se trata de uma categoria ética, mas de um direito do cidadão mundial (HÄNTSCH, 2008).¹⁵

Em relação à ideia de cidadão do mundo pode-se vislumbrar:


Kant preenche de sentido o conceito de homem como cidadão do mundo. Esse material é elaborado a partir de: 1) análises da linguagem cotidiana, 2) análises de observações de condutas e, 3) análises de fragmentos literários, peças de teatro e livros de viagens. (...) cada um destes três elementos que acabei de isolar com o intuito de mostrar o modus operandi de um antropólogo em sentido pragmático (PEREZ, 2009).

Aqui é conveniente mencionar que o cidadão do mundo não se trata de um eu empírico, mas de um eu transcendental que vai além da apercepção transcendental.

Considerações finais

A Antropologia de um ponto de vista pragmático é um texto kantiano que suscita muitas análises. Em suas apreciações, há muitas controvérsias. Alguns afirmam que Kant parece romper com todo o sistema crítico. Por outro lado, outros parecem ver, em tal escrito, uma parte empírica da Razão Prática kantiana. Então, resta perguntar se os resultados do estudo

¹⁵ “What can we learn today from Kant about the concept of world citizen? (...) argued that – if Kant speaks about the world citizen – he uses this concept, on the one hand, more in the sense of a regulative idea than in the sense of a concrete utopia, but, on the other hand, he uses it simply in a very pragmatic way. Two aspects of the Kantian term of world citizen are to be stressed: First, for Kant the world citizen is, first and foremost, the fellow citizen, who takes his point of view in the world and does not have an Archimedean position above other points of view. In this understanding of world citizen a theoretical, (and the same time) ethicalpractical and aesthetical dimension are included. Secondly, when Kant speaks about the world citizen in the political sense of a member of a world republic, he is mainly interested in the juridical dimension of a civil constitution, which largely differs from the natural law. In this context it is not the question of an ethical category, but a question of the right of the world citizen (HÄNTSCH, 2008).”



antropológico não fazem parte da filosofia transcendental? E mais ainda: em que medida não haveria um condicionamento antropológico no próprio trabalho da filosofia transcendental no que diz respeito à parte prática? (PEREZ, 2018).

Para se tentar entender a questão acima, convém observar que se há uma “Antropologia Pura”, pois se realiza por meio da reflexão transcendental, sem apoio da empiria e o que Kant chama de Antropologia tem como objeto o homem fático, cuja realidade conhecemos através da experiência. (OLIVEIRA, 1978).

E mais além: “A antropologia pura nos diz, transcendentalmente, qual é a essência do homem, a antropologia-objeto revela -a verdadeira situação fática do homem como ser, que, vivendo sob muitas opressões, é chamado à racionalidade e à liberdade.” (OLIVEIRA, 1978). Enfim, a antropologia pragmática diz respeito ao cidadão do mundo.

O cidadão do mundo é condicionado pelo mundo e age no próprio mundo, ou seja, um homem inserido na vida, se orientando no mundo em um processo de construção de si mesmo, se propondo fins e como afirma Oliveira (1978) o cidadão do mundo tem a possibilidade de chegar à razão, isto é, de tornar-se, realmente, racional. Para tanto, existem características que o distinguem dos outros seres: 1) a técnica, capacidade que tem o homem de dispor das coisas do mundo; 2) a pragmática, é a disposição para a civilização através da cultura, isto é, da passagem de uma vida bárbara, para uma vida de acordo com princípios, que se exprimem nos costumes, 3) a moral, o aspecto onde se levanta a pergunta: é o homem, por natureza, bom ou mal, ou igualmente bom e mau? A resposta fornecida por Kant é que por seu caráter inteligível, o homem é, por natureza, bom. Um ser dotado da consciência da lei moral e da liberdade tem que ser, naturalmente, bom.

O homem, como um cidadão do mundo, é levado à busca da racionalidade, isto é, da liberdade. Ele transcende a empiria por causa da razão.

Nessa perspectiva, a investigação antropológica kantiana objetiva fornecer um novo conceito de natureza humana, onde os seres humanos não serão definidos por meio da usual ação causal que não tenha ligação com a liberdade. Nesse sentido, a causalidade tem uma concepção diferente. Ela é causalidade por liberdade. Isso é visto dessa maneira em toda filosofia prática kantiana.

Assim sendo, a antropologia pragmática é decorrência da teoria prática kantiana, mas tem suas questões peculiares, dentre elas a ênfase relacionada ao cidadão do mundo. Portanto,

cidadão do mundo, com o desenvolvimento, ampliação e força dos princípios morais, é o que cabe à antropologia pragmática.

Referências

HÄNTSCH, Carola. 'The World Citizen from the Perspective of Alien Reason: Notes on Kant's Category of the *Weltbürger* according to Josef Simon,' IN: *Rebecka Lettevall and My Klockar Linder (eds.), The Idea of Kosmopolis. History, philosophy and politics of world citizenship Huddinge: Södertörns högskola, 2008, p. 59*

KAIN, Patrick. Prudential Reason in Kant's Anthropology. IN: JACOBS, Brian & KAIN, Patrick (ed.). *Essays on Kant's Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

KANT, Immanuel. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. São Paulo: Iluminuras, 2006, p.21

LOUDEN, R. *Kant's human being: essays on his theory of human nature*. New York: Oxford University Press, 2011.
(______). *The second part of morals*. In: *Essays on Kant's Anthropology*. New York: Cambridge University Press, 2003.

MUCHNIK, Reflections on Robert Louden's Kant's Human Being: Essays on His Theory of Human Nature, *Kantian Review*, 18, 3, 461–471 r *Kantian Review*, 2013, p.469

NAHRA, Cinara. Sobre o aperfeiçoamento moral como destino da espécie humana. IN: *Comentários sobre a Antropologia de um ponto de vista pragmático de Kant* [recurso eletrônico] / Maria de Lourdes Borges (Org.). – Florianópolis: Nefiponline, 2018.p. 15.

OFODILE, Ezulike Benjamin. Kant's pragmatic anthropology and the question of the perfectibility of human nature. *Scripta Philosophica*, 2013, p. 9-26.
<https://pdfs.semanticscholar.org/6873/7a617aa54fcf6c3c1bbb077ac1f2d9009186.pdf>

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. A Antropologia na filosofia de Kant. *REV. DE C. SOCIAIS*, VOL. IX, N.0 s 1 e 2. 1978.

PEREZ, Daniel Omar. A Antropologia pragmática como parte da razão prática em sentido kantiano. Manuscrito – *Rev. Int. Fil., Campinas*, v. 32, n. 2, p. 357-397, jul.-dez. 2009.

PEREZ, Daniel Omar. O projeto antropológico de Kant. IN: *Comentários sobre a Antropologia de um ponto de vista pragmático de Kant* [recurso eletrônico] / Maria de Lourdes Borges (Org.). – Florianópolis: Nefiponline, 2018.p. 15

PEREBOOM, Derk. Kant on Transcendental Freedom. *Philosophy and Phenomenological Research* Vol. LXXIII, No. 3, November 2006.

WOOD, Allen. Kant and the problem human nature. IN: JACOBS, Brian & KAIN, Patrick (ed.). *Essays on Kant's Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

Recebido: 07-05-2021

Aceito: 22-07-2021